

## Apropriação e produção de teorias evolucionistas nos periódicos anarquistas brasileiros (1900-1930)

Appropriation and production of evolutionary theories in Brazilian anarchist journals  
(1900-1930)

Gilson Leandro Queluz\*

**Resumo:** Este trabalho pretende analisar a apropriação e produção de teorias evolucionistas presentes nos periódicos anarquistas brasileiros nas primeiras décadas do século XX. No caso do anarquismo brasileiro, a mediação da recepção das teorias evolucionistas ocorreu no marco de uma diferente compreensão ideológica e política da modernidade. Nesta visão do moderno conviviam simultaneamente a resistência ao viés colonizador, autoritário, racista e hierárquico, frequentemente presente no discurso hegemônico das elites brasileiras, e a reafirmação libertária do ideário de igualdade e justiça social, através de criativas e combativas hibridizações com o pensamento científico evolucionista. Consideramos que os anarquistas participavam de uma tradição interpretativa desenvolvida internacionalmente por trabalhadores e artesãos, que levou à constituição de um pensamento social libertário, que ao procurar situar a evolução em um contexto social revolucionário, auxiliou a produção de teorias críticas libertárias sobre a ciência.

**Palavras-chave:** anarquismo; evolucionismo libertário; darwinismo

**Abstract:** This work intends to analyze the appropriation and production of evolutionary theories present in Brazilian anarchist periodicals in the first decades of the 20th century. In the case of Brazilian anarchism, the mediation of the reception of evolutionary theories occurred within the framework of a different ideological and political understanding of modernity. In this view of the modern, coexisted resistance to the colonizing, authoritarian, racist and hierarchical bias, often present in the hegemonic discourse of Brazilian elites, and the libertarian reaffirmation of the ideal of equality and social justice, through creative and combative hybridizations with evolutionary scientific thinking. We consider that anarchists

---

\* Pós-Doutor em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP), Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestre em História (UFPR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade e do Departamento de Estudos Sociais da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

participated in an interpretative tradition developed internationally by workers and artisans, which led to the constitution of a libertarian social thought, which, in seeking to situate evolution in a revolutionary social context, helped the production of libertarian critical theories about science.

Keywords: anarchism; libertarian evolutionism; Darwinism

## Introdução

Este trabalho pretende analisar a apropriação e produção de teorias evolucionistas presentes nos periódicos anarquistas brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Não pretendemos realizar uma reflexão sistemática sobre as influências dos principais evolucionistas no pensamento anarquista brasileiro, mas sim, compreender as mediações e os sentidos plurais presentes nesses periódicos. Para realizar este intento, analisaremos artigos publicados em periódicos anarquistas e sindicalistas revolucionários de caráter libertário, como *A Plebe*, *Tribuna do Povo*, *Terra Livre*, *A Voz do Trabalhador*, *A Vida*, no período entre 1900 e 1930.

Procuraremos compreender a produção de significados e valores em torno do conceito de evolução pelos anarquistas, como um processo sócio histórico e material (WILLIAMS, 2007), marcado por lutas sociais que visavam uma transformação de sentidos considerada como necessária para a concretização de uma sociedade libertária. Destacaremos, também, que estas apropriações e produções devem ser pensadas em diálogo com o caráter internacional do anarquismo, percebido como um moderno movimento socialista libertário de trabalhadores constituído, especialmente, a partir da década de 1860 e que visava a coletivização e autogestão dos meios de produção, e a substituição do estado moderno por um processo de caráter global (SCHMIDT; WALT, 2009, p. 16).

Podemos dizer que os anarquistas interagiram sistematicamente com narrativas científicas presentes em diversas instâncias como na economia política ou na biologia, elaborando contranarrativas anticapitalistas e antiestatais (THORPE; WELSH, 2008). Convergimos com Ferretti (2018, p.2), ao afirmar que um dos aspectos mais originais dos libertários foi o de reverter “alguns conceitos da ciência para chegar a conclusões diferentes, construindo saberes não dogmáticos e acessíveis às classes populares, cujo fim, contrariamente a outras interpretações, era mostrar a possibilidade de uma organização social diferente”. Desta forma, destacamos com Nascimento (2006a), a importância do

pensamento social anarquista, e enfatizamos como um dos seus componentes centrais uma teoria crítica libertária da ciência e tecnologia (THORPE; WELSH, 2008).

Consideramos que os anarquistas participavam de uma tradição interpretativa desenvolvida internacionalmente por trabalhadores e artesãos que procuravam situar a evolução em um contexto social revolucionário, visando a constituição de uma sociedade que progredisse “através da cooperação, educação, emancipação, avanço tecnológico e participação democrática”, como no caso inglês, estudado por Adrian Desmond (1992, p. 4). Desmond enfatiza que as suas visões de natureza eram igualmente distintas, “não para eles os poderosos e privilegiados sobrevivendo mas explorando e abatendo os fracos, mas um progresso inexorável para todos através da harmonia e esforço cooperativo” (DESMOND, 1992, p. 4). Este autor destacou, desta maneira, a importância historiográfica de compreender as visões evolucionistas anteriores e contemporâneas ao darwinismo, especialmente aquelas oriundas de grupos contestatórios radicais, como artesãos e trabalhadores, como modo de perceber a existência de diversas filosofias da natureza, conectadas, muitas vezes, à perturbadoras e progressistas ideologias políticas e sociais (DESMOND, 1992).

Visando fortalecer esta perspectiva historiográfica, partilhamos com Álvaro Sierra, a necessidade de uma “história social da apropriação do conhecimento científico” e tecnológico, que não realize interpretações uniformizadoras ou essencialistas, estando atenta a especificidades das culturas políticas, como a anarquista, procurando compreender, em sua complexidade, as manifestações cotidianas dos trabalhadores sobre as temáticas analisadas (SIERRA, 2005).

A tradição popular, de matiz socialista, de compreensão da natureza seria fundamental do ponto de vista do anarquismo, na construção de uma nova cultura, ao empreender uma crítica radical do capitalismo. Como afirma Bracons (2006, p. 99):

A ideologia anarquista se apoiou nas ciências naturais e humanas para impugnar o dogma religioso-antropocêntrico do Antigo Testamento e dos Estados-nação; com isto, iniciou-se também um movimento cultural popular a respeito da natureza como base para uma futura organização social anarquista.

É na intersecção com esta tradição, socialista e operária, que foram desenvolvidas, por exemplo, as obras dos pensadores anarquistas Piotr Kropotkin e Elisse Réclus, centrais para o entendimento evolucionista a partir de uma interpretação libertária (Ferretti, 2018).

Estes autores, influenciados pelas consequências radicais da teoria evolucionista darwiniana, pela permanência da influência lamarckista nas concepções revolucionárias dos movimentos sociais e pela ascensão do neolamarckismo no contexto do fim do século XIX, de debate entre seleção natural e herança dos caracteres adquiridos, ou “entre cooperação e competição como sistema social” (KESHAVJEE, 2009, p. 4), procuraram realizar a síntese impossível entre darwinismo e lamarckismo, em uma “sociobiologia consistente com seus objetivos revolucionários” (SIERRA, 2003, p. 189).

A leitura da obra do geógrafo e anarco-comunista russo Piotr Kropotkin (2012), *Ajuda-Mútua: Um fator de evolução*, publicado originalmente em 1902, possibilitava a compreensão da “evolução progressiva” como fruto da ajuda mútua. Lembremos que os anarquistas eram entusiastas da teoria da evolução. Pensadores libertários, como Kropotkin, defendiam ardentemente os princípios darwinistas como: a ruptura com o antropocentrismo, presente no cristianismo e na metafísica cartesiana, ao considerar que os seres humanos não eram criações divinas, mas frutos de uma evolução que opera estritamente a partir de princípios do mundo natural; a visão materialista, de caráter holístico e organicista de Darwin, a qual, além de se opor a qualquer essencialismo ou apelo a explicações baseadas em quaisquer forças espirituais ou imateriais, também se opunha a qualquer forma de explicação reducionista; a concepção darwiniana que o processo evolucionário era aberto, não sujeito a determinações de cunho mecanicista, característicos de um positivismo causalístico, e marcado pela probabilidade, pela agência individual e subjetiva, por sua historicidade (MORRIS, 2018).

Contudo, apesar da admiração pelo caráter potencialmente anticlerical, materialista e antideterminista da teoria darwiniana, Kropotkin, como partícipe da tradição socialista de exaltação da solidariedade e como um naturalista da “escola russa” (TODES, 1987)<sup>1</sup> que se opunha à influência malthusiana presente no discurso darwiniano da “luta pela vida” e da sobrevivência do mais apto, propunha uma maior ênfase na ajuda mútua como fator de evolução. Esta postura, baseada nas tradições do naturalismo russo, como expressa por Kessler e pela própria experiência científica de Kropotkin hibridizada com uma

---

<sup>1</sup> Todes (1987) argumenta em seu texto que um conjunto de naturalistas e intelectuais russos, como K. F. Kessler, Poliakov, Severtsov, constituíram um estilo nacional russo caracterizado “pela intensiva exploração da luta pela existência e pelo criticismo de seus componentes malthusianos” (Todes, 1987, p. 548). Neste sentido, Todes (1987, 547) demonstra que Kropotkin seguia a lógica básica do estilo nacional russo, “dividiu a luta pela existência em suas partes componentes, colocou a luta do organismo pela existência com as condições abióticas em seu centro, e criticou a concepção malthusiana de Darwin da dinâmica das populações e suas relações intraespecíficas. Ele concluiu que as relações dentro das espécies eram formadas pelas condições físicas da vida e que estas condições frequentemente levavam a ajuda mútua”.

interpretação neolamarckiana da cooperação entre as espécies, consistia em uma crítica à visão neodarwinista, especialmente de Huxley, da luta pela existência e da sobrevivência dos mais aptos<sup>2</sup>. Para Kropotkin, esta concepção, além de não traduzir a realidade das relações na natureza, trazia o efeito político devastador de naturalizar as desigualdades sociais presentes na sociedade burguesa.<sup>3</sup>

Élisee Réclus, por sua vez, incorporou em sua geografia universal, um conjunto de noções neolamarckianas, como a “unidade na diversidade de formas” e a evolução, como uma força progressiva, dirigindo todas as formas orgânicas e inorgânicas rumo à harmonia na natureza, na sociedade e no universo (KESHAVJEE, 2009). Também foi central, para a estratégia de fortalecimento da noção de ação direta anarquista, a compreensão, proposta por Réclus (2012) em *Evolução, Revolução e o Ideal Anarquista*, publicado originalmente em 1897, das continuidades e descontinuidades, entre evolução e revolução, como componentes inerentes à transformação social e biológica. Para Regina Horta, uma das principais contribuições às teorias evolucionistas, foi a antevisão por Réclus de que “através de uma diferenciação radical característica da vida”, poderia se originar o completamente novo, que ele identifica como momento revolucionário (DUARTE, 2006, p. 22). Réclus propunha, desta forma, uma total reavaliação da relação entre o ser humano, a natureza e a sociedade, em uma visão igualitária radical, na qual teria lugar o nascimento de uma nova sociedade libertária a partir de uma profunda reorganização das relações sociais, inclusive as de gênero e ecológicas. Para Clark (2013, p. 43), Réclus, ao enfatizar “a relação dialética entre natureza e cultura, focou na interação entre muitos fatores naturais e sociais na formação da sociedade humana, sobre a inevitabilidade da mudança e da transformação, e no caráter aberto da história humana e natural”.

A recepção do evolucionismo no anarquismo brasileiro ocorreu em um período que a obra e a teoria darwiniana atuaram como catalisadores decisivos no processo de aceitação de uma visão processual da natureza. Percebe-se, no entanto, uma heterogênea mescla de concepções teóricas, que teriam em comum uma visão teleológica de evolução (SIERRA, 1996, 4), marcada, contraditoriamente segundo Bowler (1992), por uma estrutura geralmente não-darwiniana.

Desta forma, os anarquistas brasileiros aderiram, de maneira geral, a uma visão evolucionista de caráter complexo, na qual se debatiam ou eram ressignificados temas como

---

<sup>2</sup> É importante observar que o próprio Livro Ajuda Mútua é fruto de um conjunto de artigos publicados por Kropotkin no periódico *Nineteenth Century* em resposta às posições de Thomas Huxley.

<sup>3</sup> Para outras análises sobre o evolucionismo em Kropotkin e Réclus ver Silva (2013) e Paula (2019).

a luta pela sobrevivência, a sobrevivência do mais apto, o sentido evolucionário, a possibilidade de extrapolação das teorias evolucionistas para o campo social, as relações entre revolução e evolução (SIERRA, 1996, p. 183).

Como veremos, os libertários brasileiros, a exemplo dos espanhóis, raramente citavam diretamente Darwin. Sua compreensão do evolucionismo deu-se, geralmente, de maneira indireta, através da leitura de cientistas ou divulgadores científicos, alguns considerados de importância secundária nos dias de hoje, mas que tiveram papel fundamental na segunda metade do século XIX (SIERRA, 1996, p. 5). A tradição libertária do livre pensamento e do autodidatismo dialogou com díspares tendências teóricas evolucionistas, como o materialismo científico alemão de Buchner e Haeckel, como a síntese entre o pensamento neo-lamarckista e darwinista proposta pelo biólogo Dantec, como o evolucionismo de tons acentuadamente espíritas de Camille Flammarion e, privilegiadamente, com o evolucionismo social proposto por Spencer.

Estas leituras libertárias são coerentes com o processo de difusão das correntes evolucionistas como o darwinismo, o haecklismo e o spencerianismo no Brasil do final do século XIX e início do XX. Como observa Gualtieri, a historiografia tem apontado, que “ideias como a seleção natural e a luta pela vida de Darwin, o recapitulacionismo de Haeckel e a lei da diferenciação progressiva de Spencer”, foram utilizadas como “instrumentos de explicação da realidade” e argumentos científicos para um país que procurava se modernizar, a partir do modelo civilizatório europeu (GUALTIERI, 2009, p. 4). No mundo latino, a recepção do evolucionismo, e mais diretamente o darwinismo, envolveu muitas polêmicas e polarizações, sendo que no caso espanhol de maneira extrema, pois “não existia - levando- se em consideração quase a totalidade - nenhum darwinista que fosse religioso e nenhum político conservador que fosse darwinista” (DOMINGUES; SÁ; GLICK, 2003, p. 23). No Brasil, ainda sob o regime do Império, estas polêmicas teriam sido mitigadas, segundo os mesmos autores, por diversos fatores, como por “elementos da elite católica” terem sido “cooptados em seus pontos de vista pelo evolucionismo poligenista com uma base cientificamente legitimada para a manutenção da supremacia branca” e pela presença de darwinistas entre os diretores de instituições como os museus de ciência e das faculdades de medicina e de direito (DOMINGUES; SÁ; GLICK, 2003, p. 23).

Mesmo amenizadas, as polêmicas existiram e estiveram antinômica ou convergentemente, a serviço de diferentes propósitos, como a defesa dos ideais republicanos por pensadores que consideravam que o conhecimento das Leis de Darwin, por exemplo, por meio das conferências populares, poderiam evitar que se “produzisse um país presa do

despotismo e das classes privilegiadas” (apud: Domingues; Sá, 2003, p. 116); ou, mais comumente, na constituição “científica” de teorias raciais hierarquizantes que serviam de justificativa para a defesa de projetos nacionais divergentes e transformavam “diferenças sociais em barreiras biológicas fundamentais” (SCHWARCZ, 1993). Para Tiago Bernardon de Oliveira (2009, p. 227), este “cientificismo racialista procurava garantir a conservação das hierarquias sociais e políticas, agora sem as carapuças dos títulos nobiliárquicos e dos títulos de propriedades de gente”. Deste modo, concordamos com a afirmação de que “o adjetivo darwinista, confundido com evolucionismo, serviu, sob múltiplos aspectos, de argumento ideológico aos mais diversos campos do saber: das ciências naturais ao campo jurídico, ao social etc.” (DOMINGUES; SÁ; GLICK, 2003, p. 23).

Jacy Alves de Seixas (1995) aponta, como centrais para a compreensão da formação do pensamento anarquista brasileiro, a influência do positivismo e do darwinismo social. Estes seriam componentes de uma visão cientificista de mundo presente no final do século XIX, caracterizada, entre outros fatores, por uma “concepção positivista de base que considera as sociedades humanas como fatos naturais e, conseqüentemente, submetidas a regras e leis constantes e necessárias” (SEIXAS, 1995, p. 136)<sup>4</sup>. Nesta perspectiva, a natureza invadiria “o espaço das relações sociais e da história” e as sociedades passariam, supostamente, por “transformações contínuas e necessárias” que se desenvolveriam de “maneira inelutável de que não importa qual processo natural” (SEIXAS, 1995, p. 136). Estas seriam as bases, portanto, de uma “teoria determinista e evolucionista da história” (SEIXAS, 1995, p. 136). Seixas argumenta que apesar desta visão cientificista ter influenciado o pensamento anarquista, ela não ocorreria “nas mesmas proporções” que no pensamento socialista de cunho marxista ou social-democrata, principalmente devido a sua fonte histórica de experiência e críticas das revoluções. Estas características estariam expressas na presença de uma “exaltação da revolução” do pensamento evolucionista no anarquismo ou, mais exatamente, na compreensão anarquista de que a evolução levaria teleologicamente à revolução. Para Seixas, a compreensão da revolução como fator natural e inexorável, quando surgem obstáculos colocados ao processo evolutivo de uma sociedade, seria fruto principalmente da influência positivista e darwinista social sobre o pensamento libertário. Apesar desta visão generalizante, Seixas argumenta que tendências como o anarco-comunismo, especialmente aquelas relacionadas ao pensamento de Malatesta, seriam mais fiéis à “fonte histórica e revolucionária do anarquismo do que ao cientificismo” (SEIXAS, p.

---

<sup>4</sup> Para uma análise da difusão de teorias cientificistas como o evolucionismo, o darwinismo social, o positivismo, a antropologia criminal e o espiritismo kardecista no Rio Grande do Sul ver, Schmidt (2001).



145).

Mesmo concordando com Seixas sobre o diálogo do anarquismo com o cientificismo vigente no período, inclusive com seus componentes positivistas e darwinistas sociais, gostaríamos de relativizar a força determinativa destas correntes sobre o pensamento anarquista. Lembremos, com Rodrigo Rosa e Silva (2013), que os anarquistas tinham uma visão crítica da ciência, considerando que ela é sempre marcada pela política e constantemente apropriada, em seus usos pelas classes dominantes, como instrumento de dominação. Neste mesmo sentido, podemos relativizar a influência do pensamento positivista de cunho evolucionista, apontada por Seixas e enfatizada por Maza (1993) ao analisar as concepções de ciência e tecnologia dos anarquistas.

Apesar de certo diálogo dos anarquistas com o pensamento positivista, expresso em pensadores como Kropotkin, ou em artigos na própria imprensa libertária brasileira, o anarquismo, historicamente, sempre foi “negativista”, no sentido indicado por Rogério Humberto Zeferino Nascimento (2006a) e, portanto, crítico do positivismo. Nascimento (2006a), ao demonstrar a importância do pensamento social negativista libertário, aquele que nega a autoridade e a ordem social estabelecida, ressalta que o termo positivista adotado por Comte, teria como uma das suas bases a crítica deste autor aos “que buscavam uma radicalização dos movimentos de destruição da ordem teológica” aqueles por ele denominados “revolucionários”, “indisciplinados” ou de “negativistas”, que “intentavam o estabelecimento da anarquia, significando o caos e a desordem” (NASCIMENTO, 2006a, p. 63-64). Comte propugnava uma reflexão e uma atuação social “orgânica” no lugar da “negativista”.

Silva (2013), ainda que não negue a influência do positivismo sobre alguns autores do anarquismo clássico, critica a visão reducionista da relação entre o positivismo e o anarquismo, contrapondo-se à insistência em igualar os anarquistas aos positivistas, argumentando que, se isso fosse possível, então seria necessário que se acrescentasse aos libertários, “um adjetivo que corresponda às suas especificidades no campo político e teórico, como anticapitalistas, antiestatais, antiautoritários” (Silva, 2013, p. 353). Para exemplificar esta argumentação, Silva (2013) destaca a oposição contumaz entre os pensamentos de Kropotkin e Spencer. Nascimento (2006a), por sua vez, cita o debate ocorrido na revista *A Vida* entre o positivista Teixeira Mendes e o anarquista Francisco Viotti, para demonstrar a força da crítica libertária à concepção científicista estreita do positivismo, e à recusa a sua visão política reacionária baseada em “uma proposta de sociabilidade humana baseada na hierarquia, em relações entre governados e governantes, submissos e



dirigentes” (NASCIMENTO, 2006a, p. 282).

No caso do anarquismo brasileiro, a mediação da recepção das teorias evolucionistas, já no período republicano, ocorreu no marco de uma diferente compreensão ideológica e política da modernidade. Nesta visão do moderno, conviviam a resistência e a denúncia do viés colonizador, autoritário, racista<sup>5</sup> e hierárquico, frequentemente presente no caráter civilizacional destes discursos e reafirmado como instrumento de dominação pelas elites brasileiras. O ideário de igualdade e justiça social era, através de criativas e combativas hibridizações com o pensamento científico evolucionista, peculiarmente interpretado como instrumento de combate político. Tentaremos perceber, no contexto brasileiro, a incorporação destes conceitos libertários acerca da evolução, em narrativas de oposição às ideologias da ordem social hegemônicas na república velha brasileira, especialmente aqueles referentes ao capitalismo e à religião. Essas narrativas científicas contra-hegemônicas e práticas de oposição podem ser compreendidas como nucleares para a constituição de um pensamento social anarquista, caracterizado da seguinte forma por Nascimento (2018, p. 32),

No caso do pensamento social no Brasil, os trabalhadores anarquistas, através de sua imprensa, tensionaram, problematizaram e, mais longe ainda, recusaram os conceitos, princípios e postulados autoritários, racistas e classistas da *intelligentsia*. Nos seus jornais, elaboraram *pensamento coletivo* ao, nos grupos editoriais, elaborarem, produzirem, conceberem e socializarem suas análises, seus estudos e suas perspectivas em torno dos acontecimentos locais e mundiais.

Nestes artigos, escritos nos periódicos anarquistas por pessoas de diversas nacionalidades<sup>6</sup>, proliferam metáforas geológicas, políticas e biológicas, em narrativas e hibridizações plurais que, no esforço de construção de um contra-poder, através da ação direta representada pelo esforço de propaganda, exaltam a necessidade da revolução como forma de acelerar a evolução rumo a sociedade libertária.

---

<sup>5</sup> Para uma discussão sobre a visão das questões raciais pelos anarquistas no período estudado, ver Oliveira (2009)

<sup>6</sup> Observe-se aqui o caráter fortemente internacionalista do anarquismo. Esta característica constantemente ressaltada pelos principais estudiosos do anarquismo, tem sido uma das bases para a renovação historiográfica contemporânea do movimento libertário, que procura romper com interpretações excessivamente nacionalistas da história do anarquismo.

## Anarquismo e evolução

É importante enfatizar que, para muitos libertários, a própria anarquia, em uma visão evolucionista gradualista, seria a etapa superior da evolução humana. Como expresso no texto do anarquista e sindicalista espanhol Juan Montseny, sob o pseudônimo de Frederico Urales, reproduzido em *A Plebe*, “Como se vê, a anarquia é a evolução; é a distribuição da moral e das ciências universais; é a fruição de todos os bens terrenos”<sup>7</sup>. Contudo, a caminhada para a última etapa da evolução cósmica, ao seu ver, não seria automática ou linear, pois, apesar de inevitável, ela necessitaria da atuação decidida dos libertários. Estes, por meio de sua ação, segundo Urales, já eram decisivos para a transformação da vida, pois, “sem os anarquistas de todos os tempos não teria havido evolução nem progresso, nem transformação social. O mundo seria um pântano extenso cujas exalações miasmáticas envenenariam a existência e a vida dos homens, impedindo-os de progredir, de melhorar, de pensar”. A anarquia, segundo sua bela metáfora, seria o sal da vida.<sup>8</sup> A proliferação de imagens evangelizadoras como as propostas por Urales, relembra a reflexão de Christian Ferrer sobre o papel, contraditório, de uma certa ética missionária, na propagação do pensamento anarquista (FERRER, 2004).

A apropriação das variadas teorias evolucionistas nos periódicos anarquistas, deu-se em meio a combates políticos-ideológicos, levando a hibridizações e instrumentalizações. De maneira geral, estes jornais retratavam a evolução como um fato dado,

Depois de ter, durante meio século, levantado as mais violentas discussões entre sábios oficiais ou não, a doutrina da Evolução, vagamente esboçada por Goethe, Lamarck, E Geoffrey, St. Hilaire, triunfou o grande mérito de Darwin de ter-lhe dado bases inabaláveis, pelo descobrimento, das chamadas leis darwinianas...

Finalmente, de uma maneira geral, pode-se dizer que a doutrina da evolução é atualmente admitida por todos e que ninguém se lembra mais de tocar a rebate logo que se fala da transformação eterna e inelutável das coisas.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> URALES, Frederico. Anarchismo e Bolchevismo, *A Plebe*, São Paulo, 13 nov. 1920, p. 3.

<sup>8</sup> URALES, Frederico. Anarchismo e Bolchevismo, *A Plebe*, São Paulo, 13 nov. 1920, p. 3.

<sup>9</sup> EVOLUÇÃO e Revolução, *Terra Livre*, São Paulo, 18 mar. 1907.

José Oiticica exemplifica esta aceitação do evolucionismo ao enfatizar a importância das teorias darwinistas em meio ao seu combate contra o obscurantismo científico de caráter religioso:

Católicos romanos e protestantes são concordes em contrariar, segundo leio nos seus livros, as doutrinas modernas sobre a origem da Terra das espécies vegetais e animais.

Especialmente a teoria de Darwin tem sido atacada ferozmente. É bem certo que essa teoria não está confirmada em todos os seus pontos, e muitas vistas de Darwin tem sido modificadas ou abandonadas. O próprio Darwin declara isso e confessa sua dificuldade em explicar muitas coisas. É uma teoria que se estuda ainda. Todavia os resultados obtidos definitivamente demonstram a evidência que as espécies podem variar e realmente tem variado e que é inteiramente absurdo –admitir o princípio das criações sucessivas”.<sup>10</sup>

Outro teórico evolucionista, Haeckel, foi homenageado pelo Jornal *A Plebe* quando da sua morte em 1919. A elegíaca notícia em que Haeckel é lembrado como “sábio” por “ter enriquecido o saber humano com novos conhecimentos científicos de ingente relevância” é utilizada como instrumento de combate. Como argumento anticlerical, o periódico lembra que Haeckel colaborou para a “destruição das leis bíblicas a que os padres se apegam para manter os ignorantes amarrados no carro opressivo de Deus”<sup>11</sup>.

Spencer, visto como um dos mentores do darwinismo social, é constantemente citado e apropriado, mesmo que, várias vezes, em caráter crítico às suas posições antirrevolucionárias e reformistas<sup>12</sup>. No trecho do artigo abaixo, o articulista, simultaneamente, sintetiza seu posicionamento perante a teoria evolucionista e ressalta os pontos consensuais aceitos pelos libertários, buscando sua legitimação inicial em Spencer,

Toda a Sociedade tem um caráter eminentemente evolutivo, porque tudo que constitui as bases e os alicerces da própria organização social está, do mesmo modo, que as forças que constituem a energia universal submetidas *in totum* à lei irrevogável, imprescindível das transformações e das mutações

<sup>10</sup> OITICICA, José. Religião e Emancipação, *Tribuna do Povo*, Recife, 10 fev.1919, p. 4.

<sup>11</sup> CADETE, Andrade. Haeckel e Carnegie, *A Plebe*, São Paulo, 16 ago. 1919, p. 2-3.

<sup>12</sup> SOARES, Primitivo (Florêncio Carvalho). O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos. *A Vida*, Rio de Janeiro, 30. nov. 1914, p. 12.

que se operam continuamente e sem interrupção no seio da natureza. Esse fato reconhecido foi por todas as ciências naturais, ainda que já fosse observado por sociólogos como Spencer, não pode, a despeito de sua veracidade científica, elevar a concepção estreita da sociologia oficial, a reconhecer que as organizações político-econômicas que constituem os estados modernos, não são permanentes, como tacitamente se quer fazer crer, e sim transitórias, instáveis, como os próprios meios que hoje equilibram essa situação social em que vivemos.<sup>13</sup>

No artigo *A Evolução Social*, Martim Garcia demonstra a apropriação crítica do conceito de evolução super-orgânica, proposta por Herbert Spencer, a partir de uma visão libertária<sup>14</sup>. Spencer, no primeiro capítulo do seu livro *Princípios de Sociologia* (SPENCER, 1898), procurou compreender a natureza da sociedade como um organismo social, buscando detectar as suas leis reguladoras. Para Spencer, o super-orgânico era uma propriedade emergente dos organismos interativos,

se tem existido evolução, a forma dela aqui distinguida como super-orgânico, deve ter ocorrido por degraus insensíveis saídos do orgânico. Mas nós podemos convenientemente marcá-lo como incluindo todos aqueles processos e produtos os quais implicam as ações coordenadas de muitos indivíduos (SPENCER, 1898, p. 4).

Spencer argumenta que a evolução super-orgânica de maior ordem, aquela apresentada pelos seres humanos, surge de um processo semelhante àquela de menor ordem constatada na natureza (SPENCER, 1898, p. 8). Spencer demonstra este processo com exemplos retirados das observações sobre insetos sociais como formigas, vespas e abelhas e de vertebrados maiores como algumas espécies de pássaros e mamíferos gregários, dentre eles, os primatas. Todavia, ele enfatiza que, apesar da constatação do fenômeno super-orgânico estar presente em diferentes escalas nas diversas espécies do reino animal, uma supera e transcende as outras, pela sua complexidade, importância e expansão: a sociedade humana. Afirma que o fenômeno que a sociedade humana exibiria “em seus crescimentos, estruturas, funções e produtos” estariam agrupados “sob o título geral de sociologia” (SPENCER, 1898, p. 8). Garcia simpatiza com a abordagem materialista e, até mesmo, em

---

<sup>13</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais I, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1913, p. 4.

<sup>14</sup> GARCIA, Martim. *A Evolução Social*, *A Plebe*, São Paulo, 23 out. 1920, p. 2.

certo grau, com o cunho determinístico de Spencer, contudo, a adapta à sua interpretação anarquista, afirmando que a humanidade estaria passando pelo momento mais “solene da evolução histórica”, o qual se expressaria no “fragor das barricadas”, nas lutas contra os reacionários, na vontade crescente de emancipação humana. Este movimento seria a expressão “irreduzível da natureza e da evolução super-orgânica que marcham paralelamente na mesma constelação do ideal”. Para ele, os fenômenos históricos estariam conectados a uma revolução mental que teria sido determinada, por sua vez, “pelas condições impostas pelo ambiente”<sup>15</sup>. Esta visão de cunho materialista e determinístico, influenciada pelo evolucionismo spenceriano, implicava na conclusão de que “o aperfeiçoamento da organização material do cérebro traz, como consequência, a apreciação do mundo real e objetivo que o rodeia, e conclui discordando com o existente, evocando os princípios de ordem social que devem estabelecer-se numa sociedade”<sup>16</sup>. Desta maneira, predicava que a humanidade neste processo de evolução social possuiria “todos os meios necessários para reagir sobre o ambiente e determinar a queda do sistema social imperante”<sup>17</sup>.

Os autores libertários demonstram, nos periódicos analisados, de maneira geral, que sua recepção dos evolucionismos ocorreu através de divulgadores ou intérpretes como o francês Dantec, responsável por uma proposta de síntese entre neolamarckismo e neodarwinismo (FRIZATTO, 2011), citado por Máximo. Camille Flammarion também é constantemente citado em sua defesa da lei da recapitulação de cunho haeckleiano, tendo seu artigo, *A Origem da Vida*, reproduzido em *A Voz do Trabalhador*. Outro autor, citado com frequência, é Buchner, de *A Força e a Matéria*, presente, por exemplo, no artigo *Evolução e Revolução*<sup>18</sup>.

Se os principais teóricos evolucionistas são citados, direta, ou, mais frequentemente, indiretamente, para legitimar saberes e fortalecer críticas de âmbitos sociais e ideológicas, eles também são criticados a partir das visões de mundo anarquistas.

O alvo mais constante de crítica é o darwinismo social e a sua apropriação da lei da luta pela vida, atribuída genericamente a Darwin. O já citado Máximo, por exemplo, opõe à “afirmação dogmática da luta pela vida de Darwin”, o processo de internacionalização

---

<sup>15</sup> GARCIA, Martim. *A Evolução Social, A Plebe*, São Paulo, 23 out. 1920, p. 2.

<sup>16</sup> GARCIA, Martim. *A Evolução Social, A Plebe*, São Paulo, 23 out. 1920, p. 2.

<sup>17</sup> GARCIA, Martim. *A Evolução Social, A Plebe*, São Paulo, 23 out. 1920, p. 2.

<sup>18</sup> EVOLUÇÃO e Revolução. *Terra Livre*, São Paulo, 18 mar. 1907.

característico das primeiras décadas do século XX, que, para ele, esmaecia as fronteiras de classe e religião e auxiliava o fortalecimento de laços solidários na classe operária<sup>19</sup>. Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Soares<sup>20</sup>, por sua vez, ataca a pseudo-ciência, “segundo a qual a vida das espécies baseia-se no falso conceito de luta de todos contra todos, luta que produz a seleção e evolução natural”<sup>21</sup>. O mesmo Primitivo Soares aprofundaria esta crítica, ao argumentar que a teoria darwiniana fora apropriada para justificar a “história da brutalidade humana”, naturalizando a guerra, “A brutal lei da seleção descrita por Darwin serviu para que desta lei se forjassem doutrinas de morte, que pretendem dar a guerra um caráter natural e defini-la como uma necessidade a supervivência e reprodução dos mais fortes e a supremacia de uns sobre os outros, para a possibilidade do progresso”<sup>22</sup>.

### Evolucionismos híbridos anarquistas

Florentino de Carvalho e Máximo apoiam-se em Kropotkin para a elaboração de sua crítica à visão darwinista social. Para Florentino, o autor de *Apoio-Mutuo* teria assentado os “verdadeiros princípios da teoria da evolução natural, demonstrando que a solidariedade é um dos principais fatores da vida e do desenvolvimento das espécies”<sup>23</sup>. Máximo, por sua vez, enfatiza o princípio kropotkiano de valorização da cooperação como elemento de ação evolutiva da humanidade, reforçando este argumento com uma surpreendente menção, para um periódico operário libertário, a Santo Agostinho, ao comentar que “o mundo não existiria se todas as coisas não estivessem ligadas por uma espécie de afeição mútua”<sup>24</sup>. Fábio Luz, em artigo publicado em *A Vida*, afirmaria que a fórmula sociológica proposta por Kropotkin, “a evolução da humanidade ou o progresso, no sentido de uma existência menos feliz para outra de maior felicidade possível”, seria a lei suprema da humanidade<sup>25</sup>.

A noção de ajuda mútua elaborada por Kropotkin, também foi interpretada livremente por anarquistas como Santos Barboza, que considerava evidente que este

---

<sup>19</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais I, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1913, p. 4.

<sup>20</sup> Sobre Florentino de Carvalho, ver Nascimento (2006b)

<sup>21</sup> CARVALHO, Florentino. Necessidade do Ensino Racionalista, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1914, p. 2.

<sup>22</sup> SOARES, Primitivo. O objetivo dos deuses e o ideal dos demagogos, *A Vida*, Rio de Janeiro, 30. nov. 1914, p. 12.

<sup>23</sup> CARVALHO, Florentino. Necessidade do Ensino Racionalista, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1914, p. 2.

<sup>24</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

<sup>25</sup> LUZ, Fábio. *A Vida*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1914, p. 2.

princípio estava muito mais desenvolvido entre as espécies inferiores como as vegetais, do que entre os seres humanos produtores. Desta constatação retirou seus argumentos sobre a necessidade urgente da organização sindical, considerada como foco de incremento de solidariedade entre os trabalhadores e como elemento de aceleração evolutiva<sup>26</sup>.

Outro autor anarquista bastante citado e ressignificado nos periódicos anarquistas, acerca do tema da evolução é Eliseu Réclus, autor do clássico libertário *Evolução e Revolução*. Vários dos seus textos são publicados nos periódicos ácratas como, *Tudo Muda*<sup>27</sup> e *Por quê Somos Revolucionários?*<sup>28</sup> Seu nome é citado em artigos como *Exortação aos operários*<sup>29</sup> e *Evolução e Revolução*<sup>30</sup>.

Em um momento de intensificação da organização operária e das lutas sociais no Brasil (HARDMAN, 2002), e de aprofundamento dos tensionamentos revolucionários em países como a Rússia, os libertários procuraram enfatizar a congruência existente entre evolução e revolução, a partir das argumentações de Réclus. Por exemplo, no artigo, significativamente denominado *Evolução e Revolução*, o autor, após afirmar que a evolução é uma lei natural amplamente reconhecida pela ciência e pela sociedade, procura demonstrar, citando Réclus, que a ciência não descobriu nenhuma oposição entre os conceitos de evolução e revolução<sup>31</sup>. Em outro artigo, Santos Barboza assume que a evolução e a revolução são “duas linhas convergentes cuja finalidade está exuberantemente demonstrada pelos fatos sociológicos”<sup>32</sup>. Estendeu seus argumentos, enfatizando que a evolução seria o preparo do ambiente para transformações substanciais, trazidas pela revolução. Portanto, as revoluções seriam o “produto de leis biológicas, étnicas e sociais, que semelhantes a um laboratório”, entrariam com as partes indispensáveis para a composição do processo evolutivo<sup>33</sup>. No mesmo sentido, Gustavo Herve escreveu em *A Terra Livre*, que a revolução seria “o ato pelo qual se afirma a obra levada a cabo pela evolução”<sup>34</sup>. *A Plebe*, por sua vez, ressaltava que a “evolução é o período de incubação revolucionária”<sup>35</sup>.

---

<sup>26</sup> BARBOZA, Santos. Aos que precisam saber alguma coisa, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 5 set. 1914, p. 2.

<sup>27</sup> RECLUS, Eliseu. Tudo Muda, *Tribuna do Povo*, Recife, 7 jun. 1919, p.2.

<sup>28</sup> RECLUS, Eliseu. Por quê Somos Revolucionários? *A Plebe*, São Paulo, 14 out. 1919, p. 1.

<sup>29</sup> RUTI, Isa. Exortação aos operários, *A Plebe*, São Paulo, 24 maio 1919, p 4.

<sup>30</sup> EVOLUÇÃO e Revolução. Evolução e Revolução, *Terra Livre*, São Paulo, 18 mar. 1907.

<sup>31</sup> EVOLUÇÃO e Revolução. Evolução e Revolução, *Terra Livre*, São Paulo, 18 mar. 1907.

<sup>32</sup> BARBOZA, Santos. Aos que precisam saber alguma coisa, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 5 set. 1914, p. 2.

<sup>33</sup> XAVIER, Rodolfo. Evolução e Revolução, *O Syndicalista*, Porto Alegre, 26 dez. 1925.

<sup>34</sup> EVOLUÇÃO e Revolução. Evolução e Revolução, *Terra Livre*, São Paulo, 18 mar. 1907.

<sup>35</sup> A ORIGEM... A Origem do Primeiro de Maio, *A Plebe*, São Paulo, 1 maio 1927, p. 2.



A certeza sobre a inevitabilidade das leis evolutivas e, igualmente, para os libertários, da revolução encarada como fato biológico e político, foi expressa em diversos momentos. Por exemplo, em 1920, em um momento de recrudescimento da repressão ao movimento anarquista brasileiro (LOPREATO, 2003), afirmava-se que seria uma “loucura própria” de governantes e de tiranos, tentar colocar “diques à história, pois, a revolução das sociedades humanas” seria “uma resultante da evolução cósmica”<sup>36</sup>. Nesse mesmo sentido, insurgia-se a crítica aos governantes que após a guerra mundial recusaram-se a fazer as transformações sociais necessárias, “Ignorais o vosso papel hediondo de bastões metidos entre os raios das rodas da Evolução? Ignorais que as leis naturais da mesma Evolução, depois do estacionamento a que forçais, funcionarão de novo, reavendo todo o tempo perdido, num grande esmagamento”<sup>37</sup>. No mesmo periódico afirmava-se que a revolução não poderia ser contida pois se constitui no “movimento, é a evolução, é o progresso da espécie humana na sua marcha ascendente”<sup>38</sup>.

Para libertários como o espanhol Anselmo Lorenzo, a sociedade apareceria como “produto natural da evolução”, e o estado como um obstáculo, como estorvo e empecilho<sup>39</sup>. Como exemplificado por Afonso Schmidt, a permanência da sociedade atual, de suas organizações políticas, econômicas e religiosas, de suas autoridades e estruturas hierárquicas, seria um verdadeiro “atentado a evolução”<sup>40</sup>.

Um fator considerado como obstáculo criado pela estrutura social ao avanço do processo evolucionário, era a tecnologia. O jornal *A Plebe* destaca a reflexão do anarquista espanhol Ricardo Mella que, em seu texto *Em Defesa do Anarquismo*, esperançosamente, argumentava que a máquina suprimiria “as fatais diferenças com que a natureza distingue os homens, para igualar todas as forças e todas as aptidões na síntese do trabalho mecânico”<sup>41</sup>. Conjugado ao papel do vapor e da eletricidade na supressão da barreira entre corpos, e na intensificação da comunicação de pensamentos, ficaria explícita, para ele, a defasagem entre a ausência de progresso moral da sociedade burguesa e o acelerado progresso da ciência e da produção<sup>42</sup>. A ciência e a tecnologia teriam, portanto, um papel de catalisadores e aceleradores do processo evolutivo.

---

<sup>36</sup> AZAS, Claudio de. As Leis da Repressão, *A Plebe*, São Paulo, 14 ago. 1920, p. 1.

<sup>37</sup> EFEITOS... Efeitos retroativos de uma panaceia, *A Plebe*, São Paulo, 19 set. 1919, p. 1.

<sup>38</sup> O PROLETARIADO em Marcha Para a Anarquia, *A Plebe*, 10 abril 1920, p. 1.

<sup>39</sup> LORENZO, Anselmo. s.t., *A Plebe*, São Paulo, 27 nov. 1920, p. 4.

<sup>40</sup> SCHMIDT, Afonso. O Círculo que se alarga indefinidamente, *A Plebe*, São Paulo, 16 ago. 1919, p. 2.

<sup>41</sup> MELLA, Ricardo. Em defesa do anarquismo, *A Plebe*, São Paulo, 01 ago. 1920, p. 1.

<sup>42</sup> MELLA, Ricardo. Em defesa do anarquismo, *A Plebe*, São Paulo, 01 ago. 1920, p. 1.

Os libertários, em sua maioria, clamavam pela necessidade de aceleração da evolução através de diversas estratégias de cunho revolucionário. Ou seja, de forma paradoxal, a inexorabilidade da transformação não poderia prescindir da ação humana e do conhecimento científico. É o que transparece no artigo Exortação aos Operários, em que a articulista incita os trabalhadores a irem se preparando para a luta, “Quando tocar a reunir, não basta lançar-se furiosamente na batalha. Bem diz Eliseu Réclus no seu belo livro— “Evolução e Revolução”: É tempo de prever, de calcular as peripécias da luta, de preparar cientificamente a Victoria que nos dará a paz social”<sup>43</sup>.

A aceleração do processo evolucionário era imaginada através de diversas estratégias. A revolução seria facilitada, primordialmente, pela propaganda de ideias e da cultura libertária que, “difundida entre o povo, baseada nos sãos princípios de justiça”, “asseguraria o maior bem-estar à coletividade”. O processo também seria intensificado pela educação racional dos trabalhadores, como afirmado no periódico *O Syndicalista*: “da educação moderna bebida à luz da ciência em todos os seus múltiplos aspectos é que hão de derivar os elementos preponderantes da transformação, político-econômico-social”<sup>44</sup>. Victor Franco, por sua vez, enalteceu o papel “ideogênico” como acelerador do processo de revolução social, ou seja, o incremento da transformação mental através do pensar e da produção de novas concepções, nascidas das pequenas conquistas diárias oriundas da luta de classes.<sup>45</sup> Desta forma, estes militantes e pensadores libertários reafirmavam e aprofundavam a percepção anarquista da relação dialética entre natureza e cultura.

Se as concepções apresentadas formam um conjunto de convergências sobre a interpretação hegemônica do evolucionismo nos periódicos libertários brasileiros, presentes especialmente nas correntes anarco-comunista e anarco-sindicalista no período, é importante ressaltar que foram produzidas outras hibridizações originais que baseiam suas interpretações em diferentes fontes e argumentações.

É o caso da síntese do pensamento evolucionista, promovida por Máximo. O articulista critica a “afirmação dogmática da luta pela vida de Darwin”, especialmente na interpretação de Dantec em “A Luta Universal”, a qual, segundo ele, se baseia no aforismo “a vida é a luta, viver é lutar”<sup>46</sup>. Dantec, em seu esforço de síntese entre as teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, afirmava que

---

<sup>43</sup> RUTI, Isa. Exortação aos operários, *A Plebe*, São Paulo, 24 maio 1919, p. 4.

<sup>44</sup> XAVIER, Rodolfo. Evolução e Revolução, *O Syndicalista*, Porto Alegre, 26 dez. 1925.

<sup>45</sup> FRANCO, Victor. Aspectos da Luta de Classes, *A Plebe*, São Paulo, 25 set. 1920, p. 2.

<sup>46</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, p. 3-4, 15 out. 1913.

se passarmos da vida individual à vida específica, a evolução, a transformação da espécie, impedem igualmente considerar como completo o triunfo dos corpos vivos sobre os corpos brutos. A adaptação específica corresponde ao hábito individual; a hereditariedade rígida é corrigida pela transmissão dos caracteres adquiridos. Há sempre luta, há sempre vitória, enquanto a descendência não é interrompida, mas esta vitória só se obtém à custa de inevitáveis concessões. Assim o estudo dos seres vivos, se faz nascer imediatamente em nós a ideia de luta, mostra-nos também que essa luta tem por consequência um triunfo absoluto (DANTEC, 1908, p. 16-17).

Apesar de Dantec explicar em seu texto que tentaria estabelecer as “condições dessa luta” universal sem a “pretensão de tirar daí as regras de conduta para os povos” (DANTEC, 1908, p. 9), no seu capítulo conclusivo derivaria de seu estudo assertivas como “ a biologia só nos ensina a necessidade da luta e que a nobre utopia da justiça, para se fixar na mentalidade do homem, não tem fundamento científico” (DANTEC, 1908, p. 342), ou ainda, “os meios pelos quais se faz agora a guerra são de tal modo científicos que o valor individual já não se desenvolve nelas; neste ponto como em todos os demais, os progressos da civilização parecem arrastar fatalmente o abastardamento da espécie” (DANTEC, 1908, p. 343).

Para Máximo, a interpretação de Dantec tem por objetivo encobrir a lógica dos mais “simples atos sociais”<sup>47</sup>, encaminhando-os para uma visão simplista e biologizante, de que a luta biológica seria responsável pela desigualdade social expressa em afirmações como “a divisão do trabalho social é feita como a divisão do trabalho fisiológico” (DANTEC, 1908, p. 341). Máximo argumenta que a luta entre o capital e o trabalho, contrariamente, é fruto da desigualdade social. A luta não seria, assim, inevitável, imprescindível, como argumenta Dantec, pois ela nem mesmo existiria se não houvesse a “estúpida separação dos homens em classes abastadas e classes proletárias”<sup>48</sup>. Para ele, a progressão da internacionalização, um dos “alicerces mais sólidos do cooperativismo socialista, anarquista, seria a demonstração plena da “fraternidade futura dos povos”<sup>49</sup>. Afirmava que a evolução trazida pela cooperação internacional “constituiria a primeira etapa na realização da verdadeira anarquia”, caracterizando-se como uma “evolução criadora”, de caráter bergsoniano, aquela que reconstruiria “continuadamente o meio social- pela força transformadora de novas energias

---

<sup>47</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

<sup>48</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

<sup>49</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

que surgem a cada momento pela harmonização crescente das tendências comuns de cada povo, de cada raça, de cada país”<sup>50</sup>. Portanto, para ele, a evolução social, não seria apenas um processo de aperfeiçoamento, condizente com o aspecto biológico, mas sim, conforme a imagem de Bergson, a “criação contínua que nasce da destruição”<sup>51</sup>.

Observe-se, porém, que a apropriação de Bergson por um pensador anarquista marcadamente materialista como Máximo, é bastante surpreendente em um jornal anarco-sindicalista, pois no mesmo ano de 1913 em que publicou seu artigo, ocorreu um debate público entre anarco-comunistas como Kropotkin e Juan Graves e um grupo de anarco-individualistas capitaneados por André Colomer (ANTLIFF, 2011, p. 94). Kropotkin e Graves opuseram-se à defesa da síntese estética-política proposta por Colomer entre o pensamento de Max Stirner e Bergson, na qual se destacavam as noções bergsonianas do método intuitivo e do élan vital e sua crítica ao intelecto. Kropotkin percebia esta visão como metafísica e não científica, componente de uma reação burguesa aos avanços do materialismo científico e da própria luta pela emancipação dos trabalhadores (ANTLIFF, 2011, p. 95)

Nesse sentido, podemos dizer que o articulista hibridiza, de maneira original, o evolucionismo bergsoniano (COELHO, 2010) com a tradição crítica libertária coletivista, de cunho romântico/bakuniano, de defesa da criação através da destruição. Bergson considerava que não havia um plano divino da criação, sendo a história da vida marcada por uma progressividade indeterminada e não-linear (BOWLER, 2003, 320). Este processo evolutivo poderia ser explicado pela evolução criadora, pelo élan vital, “lutando contra as limitações da matéria” (BOWLER, 2003, 321). Logo, o desenvolvimento dos seres vivos ocorreria de forma fragmentada em diversos ramos, sendo que a humanidade pertenceria a um deles, e a inteligência e a consciência humana seriam expressões do “coração criativo da natureza”. A aproximação com Bergson, portanto, é coerente com uma concepção antimecanicista que se opunha às interpretações neodarwinianas ou do darwinismo social. Esta postura bergsoniana, segundo Lovejoy, possibilitou a apropriação de sua “justificativa filosófica” por diferentes vertentes entre elas a do “sindicalismo revolucionário” (LOVEJOY, 1914, p. 7). A defesa da evolução criadora opõe-se estrategicamente à aliança entre evolucionismo e mecanicismo determinista, encarnado exemplarmente no pensamento spenceriano (LOVEJOY, 1914, p. 28). Por outro lado, a proximidade com Bergson também pode ser vista como marcada pela comunhão com uma visão romântica de mundo. Lovejoy

---

<sup>50</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

<sup>51</sup> MÁXIMO. Os Problemas sociais II, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 out. 1913, p. 3-4.

argumenta que o momento de constituição do evolucionismo darwiniano é seguido por uma resistência romântica contra a ideia de predeterminação nela subjacente, e a “consequente perda de significado do processo temporal”, assim como “contra a crueldade dos episódios passados e a tristeza do seu futuro antecipado” (LOVEJOY, 1914, p. 30). Esta resistência romântica dialoga com outro evolucionismo de caráter radical e ativista, como aquele expresso por Schelling, “uma filosofia que é voltada para a vida, aquilo que está em processo de tornar-se” (LOVEJOY, 1914, p. 32). Esta ênfase romântica na imprevisibilidade e na força primordial materialista de um poder panteísta da natureza também está historicamente embebida na origem do próprio anarquismo, fruto social da revolta contra o capitalismo, na segunda metade do século XIX, como podemos detectar, por exemplo, nas polêmicas de Bakunin contra a redução e enquadramento da vida presentes nos procedimentos da ciência moderna (LOWY; SAYRE, 2015)<sup>52</sup>.

## Conclusão

Ao estudar a apropriação e produção do evolucionismo pelos periódicos anarquistas brasileiros das primeiras décadas do século XX, caminhamos pelos labirintos antinômicos, combativos e revolucionários, do pensamento social libertário. Constatamos no discurso libertário, a hibridização das diversas correntes evolucionistas, em amálgamas narrativas que intencionam demonstrar a harmonia evolutiva da natureza, a fragilidade da ordem capitalista em uma evolução cósmica em que tudo se transforma; a força do auxílio mútuo, da solidariedade, como força de transformação natural mais decisiva que a luta pela sobrevivência; a inevitabilidade da evolução rumo à igualdade, à abundância e à anarquia; a defesa da aceleração da evolução para a nova ordem ácrata através da revolução.

Assinalamos nos periódicos anarquistas a presença constante de nomes clássicos das correntes evolucionistas, como Darwin, Haeckel e Spencer, apropriados, contudo, geralmente, não de maneira laudatória, mas profundamente crítica, com seus conceitos teóricos sendo entremeados de forma original, por exemplo, com o evolucionismo criador de Henri Bergson.

---

<sup>52</sup> Michael Löwy e Robert Sayre argumentam sobre a importância do romantismo libertário destacando que apesar de encontrarmos “no anarquismo uma tendência Aufklauer, mais afastada do romantismo”, em sua maioria “os pensadores libertários “clássicos” como Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Elisée Réclus, são em ampla medida espíritos românticos” (LOWY; SAYRE, 2015, p. 110).

Percebemos a força da reflexão e da prática operária que procura produzir, em seus periódicos, uma cultura nova sobre a natureza, de caráter internacionalista. Em meio a relatos de congressos operários e greves, elege como seus principais teóricos os anarco-comunistas Kropotkin e Elisee Réclus, no esforço criativo de hibridizações que cometiam na busca de uma conciliação entre evolução e revolução, central para uma luta política que pretendia conduzir a anarquia universal.

Assistimos, nestes textos, forjados no calor da luta de classes cotidiana, a constituição de um pensamento social anarquista, produtor de novos conhecimentos, de teorias críticas libertárias sobre a ciência.

### Referências

- ANDERSON, Benedict. *Under Three Flags: Anarchism and the anticolonial imagination*. London; New York: Verso, 2007.
- ANTLIFF, Mark. Revolutionary Immanence: Bergson Among the anarchists in: Mullarkey, John; Mille, Charlotte. *Bergson and the art of immanence*. Eddinburgh University Press, 2013, pp. 94-III.
- BOWLER, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. University of California Press: Berkley, 2003
- BOWLER, Peter J. *The Non-Darwinian Revolution: Reinterpreting a Historical Myth*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.
- BRACONS, Eduard Masjuans. “La cultura de la naturaleza en el anarquismo ibérico y cubano”. *Signos Históricos*, n.15, 2006, p. 98-123
- CLARK, John. An Introduction to Reclus’ Social Thought. In: *Anarchy, Geography and Modernity: Selected Writings of Elisée Reclus*. PM Press: Oakland, CA, 2013, p. 16-130.
- COELHO, J.G. *Consciência e matéria: o dualismo de Bérqson*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- DANTEC, Felix Le. *A Luta Universal*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1908.
- DESMOND, Adrian. *The Politics of Evolution: Morphology, Medicine and Reform in Radical London*. Chicago:London: Chicago University Press, 1992.
- DUARTE, Regina Horta. Natureza e Sociedade, Evolução e Revolução: A Geografia Libertária de Elisée Reclus. *Revista Brasileira de História*, v. 51, 2006, pp. 11-24.
- FERRER, Christian. *Cabezas de Tormenta*. Buenos Aires: Terramar, 2004.



FERRETTI, Federico. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Elisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.2, 2018, p. 1-16.

FRIZATTO JR., Wilson A. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 9, n. 4, 2011, p. 791-820

GUALTIERI, Regina Candida Ellero. *Evolucionismo no Brasil*. Ciência e Educação nos Museus (1870-1915). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão: Vida Operária e Cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2002.

KESHAVJEE, Serena. Natural History, Cultural History, and the Art History of Elie Faure. *Nineteenth-Century Art Worldwide*, Vol. 8, No. 2, 2009, p. 1-26

KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

LOPREATO, Christina Roquette. O Espírito das Leis: anarquismo e repressão política no Brasil In: *Verve*, 3, 2003, p. 75-91.

LOVEJOY, Arthur. *Bergson and Romantic Evolutionism*. Berkley: University of California, 1914.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MAZA, Fábio. *Anarco-sindicalistas: A visão dos libertários de ciência e tecnologia*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC,1993.

MORRIS, Brian. *Kropotkin: The Politics of Community*. Oakland, CA: PM Press, 2018.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. Pensamento social anarquista: contribuições, características, singularidades. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 210, nov. 2018, p. 3-36.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado! In: DEMINICIS, Rafael; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Anarquismo no Brasil (volume 1)*. Niterói: EduFF, Rio de Janeiro:Mauad, 2006b, p. 181-202.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/ Política), PUC-SP, São Paulo, 2006a.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil*. Tese (Doutorado em História), UFF, Rio de Janeiro, 2009.

PAULA, Amir El Hakim de. *Geografia e anarquismo: a importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência* / Amir El Hakim de Paula. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

RÉCLUS, Eliseo. *Evolución, Revolución y Otros Escritos*. Montevideo: Alter Ediciones, 2012.



SCHMIDT, Benito Bisso. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*. v. 21, nº 41, 2001, p. 113-126.

SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*. Oakland, CA; Edinburgh, UK: AK Press, 2009

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*, São Paulo: Cia, das Letras, 1993.

SEIXAS, Jacy Alves de. Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas darwinistas sociais, *História e Perspectiva*, n. 12/13, jan./dez 1995, p. 133-148.

SIERRA, Alvaro Giron *Evolucionismo y Anarquismo: la incorporacion del vocabulario y los conceptos del evolucionismo biologico em el anarquismo español (1882-1914)*. Tese de doutorado, Universidad Complutense, 1996.

SILVA, Rodrigo Rosa da Silva. *Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. Tese (Doutorado em Educação), USP, São Paulo, 2013.

SPENCER, Herbert. *The Principles of Sociology*. New York: D. Appleton and Company, 1898, V. 1.

TODES, Daniel P. Darwin's Malthusian Metaphor and Russian Evolutionary Thought, 1859-1917. *Isis*, vol.78, n. 4, 1987, p. 537-551.

THORPE, Charles; WELSH, Ian. Beyond primitivism: Towards a twenty-first century anarchist theory and praxis for science and technology. *Anarchist Studies*, v. 16, n. 1, 2008, p. 48-75.

VAUGHN, Michael. "Was Bergson an Anarchist? The Metaphysics and Ethics of Creativity: [http://anarchist-studies-network.org.uk/Anarchism\\_and\\_Moral\\_Philosophy](http://anarchist-studies-network.org.uk/Anarchism_and_Moral_Philosophy), acesso em dezembro de 2019.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y Literatura*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009.

WOODCOCK, George. *História da Idéias e Movimentos Anarquistas: A idéia*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

